



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

# IJDR

International Journal of Development Research  
Vol. 12, Issue, 05, pp. 56291-56294, May, 2022



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

## REFLEXÃO TEÓRICA ACERCA DA IDENTIDADE E DIFERENÇAS DOS ENFERMEIROS NA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA NEONATAL

\*Ana Raquel Bezerra Saraiva Tavares, Maria da Conceição dos Santos Oliveira Cunha, Vanusa Maria Gomes Napoleão Silva, Emanuela Machado Silva Saraiva, João Emanuel Pereira Domingos, Maria Veraci Oliveira Queiroz and Edna Maria Camelo Chaves

Av. Silas Munguba, 1700. Itaperi, Fortaleza, Ceará, Brasil

### ARTICLE INFO

#### Article History:

Received 18<sup>th</sup> February, 2022  
Received in revised form  
29<sup>th</sup> March, 2022  
Accepted 20<sup>th</sup> April, 2022  
Published online 30<sup>th</sup> May, 2022

#### Key Words:

Enfermeiros. Unidade de Terapia Intensiva Neonatal. Identidade. Diferenças

#### \*Corresponding author:

Ana Raquel Bezerra Saraiva Tavares

### ABSTRACT

**Objetivo:** Refletir acerca da “identidade e diferença” do Ser Enfermeiro na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal partindo da filosofia. **Métodos:** Trata-se de um Ensaio teórico-reflexivo, baseado na literatura e percepções das autoras, buscando discutir a identidade dos enfermeiros atuantes na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal. A temática despontou a partir de leituras e discussões grupais realizadas na disciplina Análise Crítica dos Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde, no Doutorado Acadêmico em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde, da Universidade Estadual do Ceará. **Resultados:** A reflexão foi elaborada em cima do “O ser Enfermeiro na UTIN”. Quando falamos Enfermeiro de UTIN temos de lembrar que ele possui uma identidade desde sua nacionalidade, etnia, filiação, gênero, idade, entre outros. O papel do enfermeiro no contexto assistencial, emerge do cuidado, que está intimamente ligado à sua identidade, o que possibilita reconhecer a importância do cuidado não só para o neonato, mas também para a família. **Conclusão:** Torna-se fundamental conhecer a identidade do Enfermeiro na UTIN, para que consigamos compreender sua verdadeira função: o cuidar. Porém, se não nos enxergamos como executores de cuidado, comprometemos a nossa própria identidade. Ou se não nos enxergamos como pertencentes de uma equipe, seremos meros expectadores sem função e tampouco identidade.

Copyright © 2022, Ana Raquel Bezerra Saraiva Tavares et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Ana Raquel Bezerra Saraiva Tavares, Maria da Conceição dos Santos Oliveira Cunha, Vanusa Maria Gomes Napoleão Silva et al. “Reflexão teórica acerca da identidade e diferenças dos enfermeiros na unidade de terapia intensiva neonatal”, *International Journal of Development Research*, 12, (05), 56291-56294.

## INTRODUCTION

Compreender a identidade profissional do enfermeiro não parece ser uma tarefa fácil, embora é de senso comum a importância do profissional na equipe de saúde. O enfermeiro não é apenas um entre os vários profissionais, mas um elo entre toda a equipe, os cuidados básicos são uma de suas principais atribuições. Conhecer o conceito de identidade nos atrai desde tempos remotos, porém torna-se necessário esse conhecimento para ser reconhecido e não se coisificar, o que levaria a perder sua identidade (Sánchez, 2022). Partindo desse ponto, que o homem tenta entender e compreender a sua identidade, deve-se pensar também se existe diferença. Tendo em vista que um conceito pode ter sua definição e sua essência que carrega. Assim, para ser reconhecida, a identidade deve carregar em seu próprio seio a diferença (Sánchez, 2022). É o que nomeia o profissional da enfermagem, o “ser enfermeiro” perpassa pelas suas ações o ato de cuidar que irá distinguir das outras profissões da área da saúde, o seu modo de agir que reflete o pensar.

Esse pensar nos remete ao que Heidegger lembra do ente e como se dá o pensar, partindo do ente que pode pensar, pois se trata de um ser vivo racional. Essa razão que o leva a pensar emerge de seu pensamento, enquanto ser racional, assim ele se questiona e ao questionar e pensar o homem busca a sua identidade (Heidegger, 2006). Eis que a identidade se limita somente ao ser pensante? Até que ponto o homem se vê como o ser? Se pensar está ligado à identidade e a diferença, os animais não têm identidade, são seres irracionais que não pensam e não possuem identidade, mas tem as diferenças. Mas se o princípio que rege a identidade está relacionado ao ente, então “ele” “consigo mesmo”, sendo o mesmo. Dessa forma, o princípio só possui validade se cada ente for parte de sua identidade, sendo uma unidade consigo mesmo, constituindo um traço visto como fundamental, no seio do ser do ente (Heidegger, 2018). Surgem envoltos aos conceitos alguns questionamentos que podem nortear essa busca pela definição da identidade, então quem seria esse enfermeiro (a) na Unidade Neonatal? E o que seria essa Unidade Neonatal? Seriam bebês que necessitam de cuidados ou familiares que necessitam que cuidem de bebês? Ou ainda, enfermeiros que se doam

nessa intensa jornada de cuidar que permite olhar esse bebê, que necessita de cuidados técnicos e acompanhamentos dos familiares?. As Unidades Neonatais são locais que utilizam equipamentos altamente especializados, mas também profissionais capacitados para a realização do cuidado integral ao recém-nascido (RN) grave ou potencialmente grave. Podem ser divididas em: Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN), que está voltada ao atendimento de RNs graves ou com risco de morte, e Unidade de Cuidado Intermediário Neonatal Convencional (UCINCo), voltada para o atendimento de RN considerados de médio risco e que necessitam de uma assistência contínua, porém de menor complexidade (Ferraresi, 2018). Pensando na enfermagem como uma práxis que, possui ao longo de sua formação históricos diversos contextos de adaptações e assistências, tem se definido diferentes planos epistemológicos, ultrapassando barreiras desde envoltas pelos interesses sociais, econômicos e ideológicos que regem as diferentes épocas vivenciadas (Silveira, 2013). Essa enfermagem possui uma técnica que se torna instrumento de seu trabalho, mas que necessita avaliar sua própria definição. Essa definição pode ser vista quando Heidegger lembra que a técnica não é apenas reduzida por uma atividade humana e, tampouco pode ser olhada como uma simples forma de atividade (Heidegger, 2018). Está além dessa técnica, a enfermagem incorporada em sua identidade o cuidado ao indivíduo que remete a ação.

Com isso, essa identidade percorre o caminho do comum pertencer da própria identidade e diferença, mas tendo como aquilo que deve ser exatamente pensado. Em cada identidade existe uma relação de “com”, ou seja, uma ligação, a qual permite uma união numa unidade (Heidegger, 2018). O cuidado, sendo uma das principais ações da enfermagem, se configura na UTIN como uma atividade delicada e que necessita de sensibilidade. Essa ação requer habilidades que são específicas para cada profissional da saúde (Ichikawa, 2017). Cabe lembrar, que os enfermeiros na UTIN vivenciam dificuldades que estão relacionadas à própria complexidade da técnica da assistência e dos pacientes atendidos. Pensando na perspectiva dos bebês internados, essa assistência é tão singular que requer do profissional habilidade de percepção, por vezes subjetivas, sobre as quais não conseguimos imaginar, por exemplo, o toque torna-se uma habilidade que acalma e acalenta, porém pode trazer prejuízos ao bebê, se realizada em excesso (Dias, 2018). Nereci lembra que o conhecimento empírico se baseia nos sentidos, em suas impressões que são recebidas das coisas e que podem fornecer o conhecimento, porém por vezes vista de modo superficial, sem o estabelecimento de uma ligação com as outras. O conhecimento científico está relacionado na explicação dos fatos, principalmente quando o homem tenta explicar os efeitos que são vistos pelas causas, e também pelas leis que os regem para tentar compreender os fenômenos (Nereci, 1985). A imagem do Enfermeiro como algo que materializa em sua própria representação da identidade profissional, que é, em si, um fenômeno histórico, social e político. Pensando nos Enfermeiros Neonatais sua imagem necessita constantes reflexões, com o intuito de reestruturar as relações sociais internas e externas às profissões e, assim, transformá-la (Freitas, 2018). Partindo da experiência profissional de ser Enfermeira Neonatal, e todas as nuances que permeiam a assistência ao RN grave ou moderadamente grave, viu-se a necessidade de analisar essa assistência. Essa análise não será realizada sob a ótica tecnicista, mas sob a perspectiva filosófica para tentar compreender que o fazer na UTIN não requer apenas técnica, mas sensibilidade, vocação e dedicação. Razões pelas quais surge a identidade e a diferença frente a outros profissionais da área da saúde no cuidar do recém-nascido. Essas UTINs são consideradas ambientes repletos de tecnologias duras, o saber fazer nesse ambiente pode ficar mecanizado, muitas vezes por alguns profissionais, o que leva a desistência de profissionais capacitados e comprometidos nessa área de atuação. Deixar de colaborar na UTIN não é uma decisão fácil, mas pode ser uma medida necessária após a percepção que cuidar vai além do ato mecânico, mas sentir e fazer sentir que ali tem um bebê e uma família que anseia em notícias. Assim, objetivou-se refletir acerca da “identidade e diferença” do Ser Enfermeiro na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal partindo da filosofia.

## METODOLOGIA

Trata-se de um ensaio teórico-reflexivo, quando os autores são estimulados a refletir acerca de um tema atual e expõem seu posicionamento, direcionando-o a quem mais tenha interesse. As reflexões foram embasadas na literatura, publicações relacionadas às ações da enfermagem na UTIN, além da literatura fenomenológica da hermenêutica de Martin Heidegger. O ensaio teórico tem como fundamentos a exposição lógica e reflexiva, além da argumentação minuciosa, com elevado grau de interpretação e julgamento pessoal (Severino, 2002).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tentando estabelecer uma melhor compreensão sobre a Identidade e Diferença numa perspectiva que está sendo discutida a atuação dos enfermeiros na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN), fez-se necessária essa reflexão em profundidade, sobre “O ser Enfermeiro na UTIN”.

**O ser Enfermeiro na UTIN:** A UTIN como dito anteriormente é vista como uma unidade complexa, cujos pacientes são vulneráveis, por isso a equipe é posta numa rotina diária, por vezes exaustiva (Notaro, Correa et al., 2019). O enfermeiro, diante das inúmeras cobranças e atribuições pode se sentir esgotado ou até mesmo sobrecarregado não só das tarefas diárias, mas também de sua própria cobrança pela excelência no cuidar. Ao longo do século XX, os berçários, que eram unidades que recebiam bebês sem complicações, passaram por uma reestruturação, foram divididos em alto risco e médio risco. Os berçários de alto risco foram transformados em unidades de internação neonatal e unidades de terapia intensiva neonatal (UTIN) (Costa, Padilha, 2012). Existem ainda uma confusão quanto a sua separação e diferenciação, entre berçários de alto risco e o berçário de médio risco, o que se sabe é, que o de alto risco possui uma clientela mais prematura e que necessita de cuidados intensivos, realizados por uma equipe multiprofissional capacitada.

Nas UTINs, os profissionais de enfermagem trabalham em um sistema de organização, com suas atribuições de acordo com o grau de formação. Já o enfermeiro realizará não só o trabalho técnico, mas também do tipo intelectual e gerencial da Unidade e assistência prestada, o que difere dos demais membros da equipe de enfermagem que são executores de tarefas sob a supervisão do enfermeiro. A configuração da UTIN, como uma unidade restritiva à presença e até mesmo à participação dos familiares compromete a busca por informações. Pois, quando não acontece o acolhimento adequado dos pais a sua busca será limitada, o que os leva a se tornarem apenas expectadores dos cuidados ofertados e não como protagonistas (Soares, 2019). Boaventura (1987) menciona que o uso das tecnologias, que são conhecimentos acumulados, nos leva a acreditar no “límiar de uma sociedade de comunicação e interatividade libertada de carências e inseguranças”. Ao pensar na assistência na UTIN esse límiar deve ser visto com cautela, para que não prejudique a relação profissional e família, o que leva ao distanciamento da Unidade e do próprio filho. Nessa perspectiva, a Enfermagem possui como foco central o cuidar do indivíduo e, na Unidade Neonatal esse cuidado é voltado ao RN com suas particularidades, necessidades e demandas (Chaves et al., 2019). O que confere um olhar diferenciado do profissional diante do cuidado integral e humanizado ao recém-nascido. A assistência do enfermeiro na Unidade Neonatal deve ser realizada primando a excelência, para isso utiliza a Sistematização de Assistência de Enfermagem (SAE). A SAE é uma ferramenta chave, tendo em vista que a assistência do enfermeiro deverá ser qualificada, não limitando-se apenas a garantia da sobrevivência do bebê prematuro, mas, também, planejando respostas e ações de forma a implementá-las diante das necessidades do cuidado (Chaves, 2019). No entanto, identificar o trabalho do enfermeiro por vezes torna-se difícil para os familiares, ou até mesmo é subestimada, levando a dificuldade em reconhecer e diferenciar o enfermeiro dos demais profissionais da categoria de enfermagem (Soares, 2019).

Nesse sentido, sabe-se que as identidades são construídas por meio da diferença, e essa diferença pode ser construída levando em consideração os sistemas simbólicos, os quais são formas de exclusão social (Silva, 2000). Essa identidade, não é vista como o oposto da diferença, mas sim uma relação, pois a identidade depende da diferença. Esse ser que busca sua identidade, faz no momento que realiza o pensar de sua identidade, a qual tenta compreender essa essência do comum pertencer que se torna necessário para que aconteça a apropriação. Heidegger menciona que a essência da identidade, que é vista como uma propriedade de uma relação entre o acontecimento-apropriação. E esse primeiro princípio que rege a identidade pressupõe que está presente na relação do traço do ser, ou seja, no fundamento do ente (Heidegger, 2018). Visto dessa perspectiva, portanto o pensamento de Heidegger também mostra que o Ser é determinado, partindo de uma identidade, por em depois analisando na metafísica, a identidade é vista como um traço do ser. Assim, pensar e ser possui um mesmo lugar, pois a partir destes que se tem uma unidade (Heidegger, 2018). É dentro desse movimento que podemos refletir, o que fazer então para determinar a identidade? Entender que existe uma necessidade de transpassar essa indiferença que existe diante do outro, e que essa relação implica diretamente o enfraquecimento dos laços das relações coletivas, que regem a construção da humanidade (Soares, 2019). Todo o processo é compreender que, a identidade é simplesmente aquilo que é (Silva 2000). Quando falamos Enfermeiro de UTIN temos de lembrar que ele possui uma identidade desde sua nacionalidade, etnia, filiação, gênero, idade, entre outros. Pensando dessa forma, cabe dizer que a identidade só tem como referência a si próprio, aquilo que é (Silva, 2000), já a diferença consiste no que o outro é. Também precisamos refletir que essa identidade do profissional numa UTIN pode ser incorporada como algo novo, principalmente quando o indivíduo não escolhe, mas é imposta essa identidade de enfermeiro que cuida de RN. São questões que nos fazem refletir acerca dessa diferença na própria categoria profissional, a identificação e a diferença de ser um especialista em enfermagem Neonatal.

Diante da construção da identidade deve-se lembrar que existe uma construção de significados que construídos pelos discursos, o enfermeiro mostra a sua identidade à medida que existem as relações sociais estabelecidas com os sujeitos. Esses sujeitos assumem, então, as suas posições, com as quais nos identificamos e que constituem nossas próprias identidades (Monteiro, 2015). Assim, dentro de todo um sistema de organização hospitalar, as UTINs são vistas como um setor complexo, o qual possui um rico e complexo aparato tecnológico, para que possa admitir pacientes críticos e que estejam instáveis hemodinamicamente. Esse local de trabalho exige uma intensa atuação de uma equipe multiprofissional, especializada e que cada um exerça a sua identidade (Reis et al., 2017). Cada profissional, então, deve compreender que existe o seu espaço de atuação, que é singular e necessário para a sobrevivência dos pacientes. Essas identidades vão depender das diferenças, mas a diferença irá depender diretamente da identidade, com isso percebe-se que são inseparáveis. Contudo, a identidade serve de referência, como ponto inicial, para o que irá definir a diferença, sendo consideradas como mutuamente determinadas (Silva, 2000). O enfermeiro faz o que então dentro da UTIN? Nessa UTIN, o enfermeiro assume diferentes papéis, mas principalmente o de gestor do cuidado e da assistência ao RN. Para realizar tal função deve-se oferta uma atenção qualificada, humanizada e que seja integral (Marski et al., 2018). Outro ponto que merece atenção na construção da identidade do enfermeiro é o acolhimento, que surge como uma das diretrizes que podem contribuir para reverter uma situação. O acolhimento exige uma interação e diálogo, que se realizados adequadamente possibilita o fortalecimento das relações, permitindo que a identidade do enfermeiro seja identificada (Soares, Decesaro, Higarasho, 2019). Diante dessas relações sociais, vemos as formas de diferenças, aqui compreendidas como a simbólica e a social, que são formadas através dos sistemas classificatórios. Essas classificações simbólicas estão interligadas a ordem social, o que permite que uma identidade seja produzida partindo da relação com uma outra (Silva, 2000). Mesmo diante da complexidade das relações multiprofissionais e do próprio contexto da UTIN repleto de tecnologias, cabe mencionar que o

cuidado não pode ser compreendido como um saber exclusivamente instrumental, pois, se assim ocorrer, o que veremos será apenas uma parte de toda a dimensão do cuidado (Soares, Decesaro, Higarasho, 2019). O cuidado, assim é para o enfermeiro, a sua essência da prática e o, principal, objeto de estudo das teorias. O cuidado é a sua base, é aquilo que o distingue das demais profissões na área da saúde. Dentre as formas de definir o cuidado encontramos como a arte, a técnica, a intuição e a sensibilidade (Monteiro et al., 2016). Por vezes o enfermeiro se vê assumindo tarefas que são realizadas por técnicos e auxiliares, deixando de realizar funções próprias de sua identidade, como supervisão e gerenciamento de tarefas relacionadas ao cuidado do paciente. Com isso, identificar e conhecer quais são suas atribuições torna-se parte importante para que aconteça o atendimento integral ao paciente (Dias et al., 2016).

Esse modelo biomédico, por vezes hegemônico, e que rege a assistência hospitalar, não possibilita uma atenção ampla, porém a Enfermagem ainda segue atrelada a esse perfil de modelo que determina muitas unidades hospitalares (Marski et al., 2018). Mesmo buscando compreender a sua identidade, tentando modificar as formas de assistência, ainda vemos que devido ao “engessamento” do sistema, o enfermeiro se distancia do seu foco de trabalho: o cuidado. Analisando essas relações, do modelo biomédico, é possível visualizar uma forma de deslegitimar o saber e a prática do enfermeiro. Pois, a Enfermagem mesmo construindo sua identidade, ainda tem dificuldade em reconhecer-se como uma profissão, a qual possui conhecimento científico próprio, com um foco diferenciado no seu objeto de cuidado, o que por vezes leva e, também, contribui para sua desvalorização social, possibilitando ao seu não reconhecimento (Marski et al., 2018). Ao compreendermos nossa identidade, sejam nacionais e regionais, temos como avaliar o quão desafiador é identificar nossas atribuições e lugar que ocupamos (Sanchez, 2002). Essa relação entre a identidade do enfermeiro e a diferença com os demais profissionais são ativamente produzidas, através das criações culturais e sociais, porém devem ser vistas como indeterminadas e por vezes instáveis, mas necessárias para que aconteça o cuidado (Silva, 2000).

Outro ponto que merece atenção ao tentar apreender a relação entre identidade e diferença, está no fato das relações de poder. Essa linha tênue de poder para definir a identidade, ao mesmo tempo em que tenta marcar a diferença, não pode ser separada das relações que regem o poder (Silva, 2000). Por vezes, essa diferenciação acarreta as relações interprofissionais, um estresse ou até mesmo dificuldades de relacionamento por não saber identificar de fato o espaço que rege cada profissão. Destaca-se o papel do enfermeiro nesse contexto assistencial, tendo em vista que o cuidado está intimamente ligado à sua identidade, o que possibilita reconhecer a importância do cuidado não só para o neonato, mas também para a família. O acolhimento possibilita minimizar as angústias e ansiedades familiares, diante da internação na UTIN, assim como possibilita a comunicação família – profissionais (Soares, Decesaro, Higarasho, 2019). Lembrando as afirmações de Heidegger, sabemos que o Ser possui um movimento, que o circula e que vai da plenitude para o mais extremo polo de estresse (Heidegger, 2019). Esse movimento que existe na UTIN deve ser visto de tal forma que permita os familiares compreender e verbalizar suas angústias, levando a apreender as “regras do jogo” diante da internação na UTIN. Essas regras são vistas desde as rotinas, riscos aos quais o bebê pela prematuridade está envolto, bem como a terminalidade da vida, nos casos extremos. Outro importante ponto de assistência consiste no cuidado centrado na família, e no contexto neonatal não deve ser diferente. Olhar a família como protagonista reduz o estresse familiar, diminuiu tempo de internação do bebê com a adesão ao método canguru, bem como inicia e fortalece o vínculo entre o binômio mãe e filho (Rodrigues et al., 2019). O enfermeiro possui papel de integrador na assistência de forma transversal (Soares, Decesaro, Higarasho, 2019). Essas cobranças com a aquisição de conhecimentos, bem como suas competências técnicas e relacionais, favorecem ao desenvolvimento de uma postura crítico-reflexiva diante da assistência (Magalhaes, Chaves, Queiroz, 2019). Analisando sobre as considerações de Heidegger (2006) lembramos que essa técnica moderna só conseguiu

ser vista de forma mais ampla quando se apoiou nas ciências exatas da natureza. Pois, tudo aquilo que é essencial, não pode ser visto como a essência da técnica moderna, mas sim aquilo que passa o maior tempo encoberto. Assim, a identidade do Enfermeiro de UTIN deve desdobrar-se em saberes que são individuais, mas também coletivos que regem os diversos domínios do conhecimento, experiências e competências (GREBINSKI, 2019). Compreender a diversidade do escopo profissional, que rege cada membro da equipe, favorece desde a qualidade do cuidado realizado, até mesmo torna-se fundamental para a boa relação entre os atores envolvidos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Torna-se fundamental conhecer a identidade do Enfermeiro na UTIN, para que consigamos compreender sua verdadeira função: o cuidar. Porém, se não nos enxergamos como executores de cuidado, comprometemos a nossa própria identidade. Ou se não nos enxergamos como pertencentes de uma equipe, seremos meros expectadores sem função e tampouco identidade. Ir para além do que se é, mas integrar-se como Ser e ente, dentro de uma equipe possibilita que o enfermeiro se reconheça e execute sua identidade, dentro daquilo que traz em sua essência.

## REFERÊNCIAS

- BOAVENTURA, SS, 1987. Edição: Afrontamento – Portugal.
- CHAVES, ACF; SANTOS, AP; ATAÍDE, KMN; CUNHA, KJB. Cuidado e manutenção da integridade da pele do neonato prematuro. Rev. enferm. UFPE on line; 13(2): 378-384, fev. 2019.
- COSTA R, PADILHA MI. Saberes e práticas no cuidado ao recém-nascido em terapia intensiva em Florianópolis (década de 1980). Esc. Anna Nery. 2012;16(2):247-254
- DIAS, MS; RIBEIRO, SNS; WALT, CMRF; CABRAL, LA. ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NO CUIDADO AO RECÉM-NASCIDO: PROPOSTA DE UM NOVO PROCESSO DE TRABALHO. R. Enferm. Cent. O. Min.; jan/abr; 1(6):1930-1944; 2016.
- FERRARESI, MF; ARRAIS, AR. Evaluation of the Multidisciplinary Assistance provided in a Public Neonatal Care Unit from mothers' perception. Rev. Bras. Saúde Mater. Infant. (Online); 18(2): 381-390, Apr.-June; 2018.
- FREITAS, SMFM; BEZERRA, RA; ANDRADE, LCO; SANTOS, LVF; VERAS, VS; JOVENTINO, ES. Profissionais chamados “não médicos”: uma reflexão sobre a generalização sem identidade da área da saúde. Enfermagem Brasil; 17(1):67-72; 2018.
- GREBINSKI, ATKG; BIEDERMAN, FA; BERTE, C; BARRETO, GMS; OLIVEIRA, JLC; SANTOS, EB. Carga de trabalho e dimensionamento de pessoal de enfermagem em terapia intensiva neonatal. Enferm. foco (Brasília); 10(1): 24-28, jan. 2019.
- HEIDEGGER, M. Ensaios e Conferências/ - 7ª ed. - Petrópolis:Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco. 2006. 269p.
- HEIDEGGER, M. Identidade e diferença/Martin Heidegger; Tradução e notas de ErnildoStein.-1.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- ICHIKAWA, CRF; SAMPAIO, PSS; SÁ, NN; SZYLIT, R; SANTOS, SSC; VARGAS, D. O cuidado à família diante da perda neonatal: uma reflexão sob a ótica da teoria da complexidade. Rev. enferm. UFPE online; 11(12): 5085-5091, dez.2017.
- MAGALHÃES, SS; CHAVES, EMC; QUEIROZ, MVO. Design instrucional para o cuidado de enfermagem aos neonatos com cardiopatias congênitas. Texto Contexto Enferm [Internet]. 2019 [acesso 2019, 09, 20];28:e20180054. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2018-0054>.
- MARSKI, BSL; FACIO, BC; ICHISATO, SMT; BARBA, PCSD; WERNET, M. Developmental Care: assistance of nurses from Neonatal Intensive Care Units. Rev Bras Enferm [Internet]. 71(Suppl 6):2758-66. 2018.
- MONTEIRO, PV; ALMEIDA, ANS; PEREIRA, MLD; FREITAS, MC; GUEDES, MVC; SILVA, LF. Quando cuidar do corpo não é suficiente: a dimensão emocional do cuidado de enfermagem. REME – Rev Min Enferm.;20:e957;2016. Disponível em: DOI: 10.5935/1415-2762.20160026
- NERECÍ, I.G. Introdução à Lógica. 9ª. ed. São Paulo: Nobel, 1985.
- NOTARO, KAM; CORRÊA, AR; TOMAZONI, A; ROCHA, PK; MANZO, BF. Cultura de segurança da equipe multiprofissional em Unidades de Terapia Intensiva Neonatal de hospitais públicos. RevLat Am Enfermagem; 27: e3167; Aug 19; 2019.
- REIS, FFP; OLIVEIRA, KF; LUIZ, RBCA; BARICHELLO, E; CRUZ, LF; BARBOSA, MH. Cultura de segurança em unidades de terapia intensiva. Rev. enferm. atenção saúde; 6(2): 34-48, jul.-dez. 2017.
- RODRIGUES, BC; UEMA, RTB; RISSI, GP; FELIPIN, LCS; HIGARASHI, IH. Cuidado centrado na família e sua prática na unidade de terapia intensiva neonatal. Rev Rene (Online); 20(1): e39767, 2019.
- SÁNCHEZ, VA. Filosofia e circunstância. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- SEVERINO, AJ. Metodologia do trabalho científico. 22ª ed. São Paulo: Cortez; 2002.
- SILVA, TT. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais/ Tomaz Tadeu da Silva (org.) Stuart Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- SILVEIRA, LC; ALCIVAN, NV; MONTEIRO, ARM; MIRANDA, KCL; SILVA, LF. CUIDADO CLÍNICO EM ENFERMAGEM: DESENVOLVIMENTO DE UM CONCEITO NA PERSPECTIVA DE RECONSTRUÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL. Esc Anna Nery (impr.); jul - set ; 17 (3):548 – 554; 2013.
- SOARES, LG; DECESARO, MN; HIGARASHO, IH. Percepção das famílias sobre o acolhimento no contexto neonatal durante um processo de intervenção. RevFunCare Online. jan/mar; 11(1):147-153;2019.

\*\*\*\*\*